

# A UNIÃO

REVISTA LITTERARIA E NOTICIOSA.

ASSIGNATURAS.

POR ANNO

Para a Capital. . . 4\$000

Pagamento adiantado.

REDACTORES :

Os alumnos do Collegio do SS. Salvador.

Publica-se nos dias 1.º e 15 de cada mez.

ASSIGNATURAS.

POR ANNO

Para fóra da Capital . . . 4\$500

Pagamento adiantado

Anno I.

Desterro, 1.º de Abril de 1868.

N. 7.

## A UNIÃO.

Findou-se já o primeiro trimestre do nosso exiguo jornal, e com este numero encetamos o segundo quartel de seu anno. Se como o viandante volvemos atraz os olhos para observar o caminho já trilhado, descobrimos que se o nosso trabalho não sahio tal qual o desejavamos, foi todavia fiel á seo Programma. Nos artigos litterarios, assim como nos noticiosos e nas variedades não deixou de haver sua utilidade, e utilidade como devemos entender, isto é, utilidade intellectual. Os artigos originaes, em uma revista como a nossa, devião ser mui escassos. Pois composições daquella originalidade que adiante a sciencia não póde-se requerer de quem apenas nella dá os primeiros passos. Artigos que resumão doutrinas dispersas em diversos auctores, e representadas n'um só discurso forão poucos, pois é trabalho que exige estudo, e tempo de que não tem copia quem deve occupar-se em muitos outros estudos. Artigos pois que n'um estylo *Ossianista* tem a originalidade na differente e variada disposição de palavras, mas que sempre repetem os mesmos futeis sentimentos com as mesmas entusiasticas expressões seja em proza seja em verso, estes como contrarios ao bom estylo litterario, ainda que todas as palavras se encontrem no lexicon e sejam conforme as regras grammaticas, e como já demasiadamente dados á luz, julgamos conveniente não tivessem lugar em nosso periodico litterario.

Tal é a conta que damos do nosso trabalho áquelles Senhores que se dignarão obsequiar-nos com suas assignaturas, e alentar nossos esforços juvenis, ficando nós plenamente satisfeitos, se na sua acrisoiada sabedoria o achem digno de animação.

### Parte litteraria

#### CONSIDERAÇÕES.

#### Sobre os estudos da mocidade.

Pelo

CARDEAL J. S. GERDIL.

Conclusão.

Muitos tomárão por assumpto sublimar as poesias de Homero, mas nem todos reparavão

bastantemente no bom uso que fazião delle os antigos em todo o progresso da educação. Homero descreve ou melhor direi ajunta com vivas côres os caracteres das paixões e dos affectos, das virtudes e dos vicios, elle não somente descreve os caracteres por assim dizer solitarios e abstractos, mas tambem unidos entre si e enlacados pelas diversas e multiplices combinações resultantes das differentes idades e posições da vida. O enredo de seus poemas encerra uma admiravel variedade de acontecimentos que são como outras tantas imagens das vicissitudes humanas, e as sentenças que une á narração contém tanto quanto o permeltião as trevas da gentildade, as maximas mais importantes de um genero prudencial, civil e politico. Alem disto elle apresenta modelos perfeitissimos do estylo lhano, temperado e sublime, de narrações simples, de descrições vivas e animadas, de fallas fortes e vehementes. Nas comparações frequentes, que usa, vê-se unida á elegancia do poeta a diligencia do observador na exposição dos phenomenos da natureza, do mecanismo das artes, dos ritos da religião, dos costumes dos Povos. As regiões, as cidades, os rios, as montanhas, os lugares mais ou menos celebres achão-se caracterisados ou mencionados com epithetos q' apresentam a posição e as qualidades distinctivas dos objectos. Por isso com razão os melhores criticos antigos assim como modernos dissérão que os poemas de Homero não só contém uma colleccão abundante de doutrinas moraes e politicas, mas tudo quanto em seu tempo e depois foi conhecido nas sciencias naturaes e nas artes.

Foi, portanto, um primor do vate grego, formar com nobre esforço da phantasia a propria idéa d'aquelle bello popular, e ao mesmo tempo sublime que sendo com justa proporção adequada ás faculdades da intelligencia humana, agrada igualmente ao sabio e ao ignorante, aquelle, deleitando-se da consideração da ordem que nelle descobre, este attrahido pelo aprazivel do abalo que delle deriva e assim a idade mais tenra, se compraz do maravilhoso que acha nelle espalhado e entrançado com tanto artificio, e a idade mais adulta, sacia-se, e com maior deleite, nas doutrinas que formão a somma e a substancia delle.

Por isso os Rhetoricos e os Philosophos avali-

ão-se dos poemas de Homero em todo o curso da educação, dando-os para decorar, e explicando-os a medida do adiantamento já em uma, já em outra doutrina nelles contida ou escondida, que tomada fóra delles, á elles podião-se referir naturalmente. Assim parece que da leitura de Homero, unida com as instituições e preceitos de outras sciencias e artes, os estudantes devião tirar um mui grande proveito. I Apprendião a pensar e fallar nobremente, unindo a polidez e gravidade dos sentimentos a abundancia dos ornamentos do estylo. E ainda que a nobreza dos pensamentos dependa em muita parte da natureza, com tudo, pode ser auxiliada pelo exercício, e especialmente pela leitura dos escriptores excellentes, que possuem a arte de excitar sentimentos proporcionaes á grandesa dos objectos que apresentam. II No sahir das aulas sabião de cór um auctor digno de ser lido e relido por toda a vida. III A serie dos poemas servia como de vehiculo e liame para chamar a memoria as doutrinas explicadas na interpretação delles. Pelo contrario agora a maior parte dos compendios compostos para uso das aulas, não servem senão para a primeira idade, e esta uma vez passada, se deixão no esquecimento; não ficando a um moço depois de acabado o curso dos estudos um livro estudado de proposito e digno de servir-lhe de guia e offerecer-lhe boa leitura nos annos mais adiantados e maduros; e aos que tinhão podido ligar as instrucções recebidas dos preceptores, e tirados tambem por partes mui pequenas de optimas fontes assim mui cedo desvanecem ellas, e aos 25 annos de idade, muitas vezes pouco ou nada fica do prodigioso saber, pelo qual fez o moço tão bonito papel na idade de 13 annos.

Tudo isto se pôde dizer a respeito das vulgares e talvez mais frequentes instituições, não porém daquellas que são regidas por lentes sábios e habéis, dos quaes não é escassa a idade presente, e seria cousa injustissima querer defraudal-os dos loavores que merecidamente lhe são devidos.

### o Riso.

#### Conclusão.

Diz de la Mennais que seja qual fór a couza que conduz a rir, é mister subir até a origem e se achará constantemente associado o riso, queira-se ou não confessal-o, a uma secreta satisfação da philauçia, ou a não sei que prazer maligno. Todo o que ri de outro, julga-se naquelle instante superior a elle pelo lado em que o encara, e que desperta o seo riso; assim o riso é mais do que outra cousa, a expressão da satisfação que inspira esta superioridade quer real, quer imaginaria.

Ri-se de si mesmo é verdade, porém isto é quando o eu descobre o ridiculo em algumas das regiões inferiores do ser, quando elle divide-se d'aquillo que ri e regozija-se internamente d'uma sagacidade que eleva-o na sua propria estimação. Assim pois o orgulho alimenta-se da

mesma vista d'algumas fraquezas escondidas nas pregas do coração, e que soube descobrir. Não é possível induzir a si mesmo no engano, é isto do que gabamo-nos.

O riso nunca deixa á physionomia uma expressão de sympathia e benevolencia; pelo contrario, elle disfigura as mais bellas physionomias e tira a belleza.

E' uma das imagens do mal, não porque o exprima directamente, mas porque indica a sede delle. Assim o riso é incompativel com a idéa que formamos de personagens q'offerecem os typos mais perfectos da grandeza moral, do amor puro, universal. Quem poderia imaginar Jesus Christo rindo? O mesmo sorriso não principia a manifestar-se: senão em uma menos elevada alteza porque liga-se igualmente, na sua origem ao sentimento da individualidade. Porém o sorriso não é alguma vez outra couza mais do que um riso nascente, um riso reservado, talvez exprima tambem uma tendencia opposta aos movimentos para consigo, e uma inclinação para com os outros. Por isto encontra-se um riso de bondade, um sorriso de ternura, e estes em lugar de desfigurar, dão ao rosto uma expressão atrahente e doce, uma graça singular, um celestial encanto, e como o de N. Senhora que sorri para seo divino Filho.

### Exemplo de gordura extraordinaria.

As transacções philosophicas fazem menção de um homem, chamado Eduardo Bright, mercador de drogas no condado d'Essex, e fallecido na idade de 30 annos o qual tinha uma gordura e peso tão desmaccados, que a historia não apresenta outro phenomeno do mesmo genero.

As circumstancias da vida d'este homem, e o estado de corpulencia em que morreu, foram verificados com exacção na parochia em que viveira, e onde foi enterrado.

Eduardo Bright provinha d'uma raça notavel sempre pela sua extrema gordura, e desde a mais tenra mocidade foi summamente gordo, robusto e activo.

Fez muito exercicio até dous ou trez ultimos annos de sua vida, epoca em que se tornou muito pesado. Como tinha grande força de musculos, andava com agilidade, e viajava a cavallo para tractar dos seus negocios. Na idade de 12 annos e meio pesava 144 bls (é provavel que se referiram á libra de 12 onças) e no espaço de sete annos adquirio tal corpulencia, que antes de chegar aos vinte annos pesava 336 libras; finalmente indo sempre em progressivo augmento a massa do seo corpo, chegou a ter 584 libras de peso, treze mezes antes de fallecer, data em que pela ultima vez foi pesado.

Cumpre observar que deste calculo fóra deduzido o peso de todos os vestidos; porém como Bright não deixou de augmentar de volume até a sua morte, pode-se assegurar, segundo um calculo muito rasteiro que pesava então 616 libras, pelo menos.

A sua estatura era de 5 pés e 3 pollegadas in-

glezas; a sua circumferencia, tomada debaixo dos sovacos, era de 5 pés e 6 pollegadas, e na barriga de 6 pés e 1 pollegada; os bracos tinham uma circumferencia de 2 pés e 8 pollegadas.

Sempre teve bom appetite, principalmente nos primeiros annos de sua vida, em que comia exorbitantemente. Bebia muito, especialmente cerveja forte, de que era muito apaixonado; porem nos ultimos annos já não despejava diariamente senão umas quatro garrafas da fraca. Além disto bebia meia garrafa de vinho depois de jantar, e um bule de ponche, quando estava só; pois quando se achava em companhia bebia muito mais.

Logrou boa saude em toda sua vida, excepto nos ultimos trez annos em que foi atacado d'uma inflammação n'uma perna, de que foi curado por meio de copiosas sangrias, que de cada vez eram de duas libras de sangue.

Casou-se aos 22 ou 23 annos, teve cinco filhos e deixou a mulher pejata.

Era alegre e brincalhão, estimado de todos que o conhecião, e recommendavel por suas qualidades moraes. Morreo de uma febre maligna que durou 14 dias. O corpo começou logo a corromper-se apesar da frialdade do tempo.

Foi conduzido a igreja em um carro de 4 rodas, puxado por dez ou doze homens, e desceram-o a cova por meio de uma machina construida para esse effeito.

## ROMANCE

### A TROCA.

Continuação.

O Marabú triumphára; bebera com o Serakik toda a aguardente e além d'isso ficára com a melhor parte das mercadorias.

Quanto á Etienne e Miguel foram conduzidos á uma choupana onde permaneceram fechados até a noite, quando o guirió que lhes tinha servido de guia os veio, soltar em nome da rainha e lhes trouxe igualmente de sua parte, uma ave com arroz, e um prato de sanglet com mel.

Porém, esta nova provança lhes tinha tirado inteiramente o bom e feliz appetite que possuíam: e lhes causou tanto maior desespero e colera, quanto que elles nunca levaram em linha de conta esta desgraça.

Afora isso, tudo mais lhes correrá ás mil maravilhas.

Em alguns dias haviam ajuntado mais ouro, do que em um anno de constantes e affanosas viagens.

Prestes a realisar um dos mais bellos lances de negocio, se viam subitamente detidos; perdião o mais seguro aceno da fortuna, que, quiçá a não mais lhes fosse offertado, tudo pela maldade d'um miseravel hypocrita.

Isto os fazia enraivecer.

Seus pensamentos eram o da vingança; era o desejo de vingarem-se do Marabú no qual viam o primordio de todos os seus infortunios; porém, não podendo satisfazer a colera que os dominava, a descarregavam um sobre o outro accusando-se reciprocamente como causadores do desastre.

— Consequencia triste e inevitavel, das associações sem ternura e dedicação!

E na verdade; o infortunio é um reactivo, que faz conhecer e patentear de quaes substancias se compoem

os nossos sentimentos: o máo exito nos affectos que vem do coração só serve para mais ligar esse laço de amor, a que chamamos amizade, enquanto que anniquilla e acaba de destruir aquelle, que só o interesse criou.

Os trocadores começaram a pendenciar pela centesima vez, quando de repente forão interrompidos por uma gargaliada de máo agouro e logo depois appareceu o Marabú na porta do kombel.

A' sua vista os marinheiros fiseram um movimento para lançarem-se para elle.

Porém, Toni, a quem a Sangara tornára audaz os affastou com um gesto:

— Não se agastem comigo os meos amigos brancos; eu os venho consolar.

— Ladrão! bandido! Cão! exclamaram ao mesmo tempo os marujos.

— Vamos! socogae! replicou o Marabú assentando-se na esteira e collocando diante d'elles uma das cabaças de aguardente: reservei esta para vós; bebei, e depois conversaremos.

— Retira-te, scelerado, si tens amor á vida! exclamou Etienne.

— Venho ministrar-vos meios de enriquecerdes; retrucou Toni com ar mysterioso.

— Graças a ti, foram-nos vilmente tiradas todas as mercadorias.

— Que importa si eu vos vou fazer mil vezes mais ricos!

— Que quereis dizer com isso,? desembuchae de uma vez.

O Marabú lhes fez signal de abaixarem a voz levou aos labios a cabaça depois passando-a:

— Provae da sangara.

Elles beberam um apos outro; Toni seguro que ninguem o escutava, chegou-se para elles.

— Sei que os meos amigos brancos habitam um paiz onde o ferro, o cobre, e o chumbo, se acham em abundancia; não é verdade?

— Sim, respondeu Miguel.

— É um grande favor do céu, replicou o Marabú; porém quaes sam os meios que se empregam para extrahir estes metaes?

— Temos para isso modos faceis e que não falham.

— E si hevesse minas de ouro em vossa terra saberieis exploral-as?

— Sem duvida! porém, a que vem este interrogatorio?

— Conheço á um dia de viagem de Sonka um valle de ouro!

— Pode ser isso? exclam áram Miguel e Riou.

— A' cerca de um mez, que eu juntei grande porção de ouro.

— Tu?

— Sim; porém, nós não possuímos a habilidade dos brancos para attrahir o que está debaixo da terra. O ouro que juntamos é a força de trabalho. Si vamos por um lado elle foge pelo outro, e para que se o encontre é necessario surprehendel-o. (1)

— Mentiroso! disse Etienne.

— Juro...

— Embusteiro! não vês que se assim fosse serieis o homem mais rico do mundo?

— Do mundo, não, porém sou o mais rico da minha nação,

— E aonde está o teu ouro?

— Dei-o a um mercador arabe.

— E o que recebeste em troca?

— Cousa mais preciosa.

— Cousa mais preciosa que o ouro?

— Digo-te eu que mentes.

(1) Os negros tem realmente esta superstição.

— Minto ! repetio Toni, pois bem reparai, disse, tirando uma caxinha do seio.

Os trocadores viram um brilhante de tamanho prodigioso, cujas facetas mesmo na sombra scintillavam.

— E' um diamante digno da corôa do imperador !

— O rei de França não tem igual.

— Queres tu vendel-o ?

— Sim.

— Te serve a nossa pacotilha e mais algum ouro que temos ?

— O Serakik tomou-a.

Os trocadores esbravejaram de raiva.

— Porém vos podeis reparar a perda indo ao valle de ouro eu vos servirei de guia; e repartiremos o ouro. Era o ultimo recurso a tentar depois de alguma hesitação acceitaram o offerecimento.

Ficou ajustado que partiriam ao romper do dia. Toni se encarregou de obter do Serakik as suas armas e os burros e partio.

#### V.

Na manhã seguinte, os marinheiros já se achavam promptos a partir com o Marabú, quando se ouviram gritos de fora.

Toni pareceu contrariado.

— Que ha de novo ? perguntou Rion inquieto.

— Alguem morreu na aldêa e naturalmente andam procurando-me para a cerimonia funebre, o que nos forçará a ficar.

— Partâmos subito, então...

— Já é tarde ; eis que me procuram.

Varios negros passavam, com effeito, diante do Kombet, um delles entrou e viu o Marabú que foi obrigado a acompanhal-o.

Os trocadores nada tendo a fazer seguiram a multidão, afim de apreciar a cerimonia funebre Toni mandou entrar os dous estrangeiros. Um bando de guirios diante do leito do defunto cantava os seus louvores ao som da marimba e do tambor. Parada a musica, entravam successivamente os parentes e amigos os quaes lhe dizião.

« Porque vos abandonaste, tu, a quem nós tanto amavamos ? Não tinhas em teus campos bastante milho ? A palmeira não te offerecia o espumoso « may ? (2) Aborreceste a fumaça do taffio ? Para que te foste, si tuas mulheres fiavam para ti o in- « muna (3) tão branco como as presas do elephan- « te ? Si tinhas ainda em teus kombés as noses de « kolla, si os christãos te trasiam pulseiras de coral « e assobios de prata ? Para que vos abandonaste ? « Será a alma de teus paes que veio em forma de la- « garto (4) e obrigou-te a acompanhal-os ? Ou qui- « zeste morrer para resuscitar entre os brancos e « com elles fazer a troca com os teos irmãos ? »

Após estas perguntas mais ou menos prolongadas conforme a imaginação do sujeito que a dirigia ; o defunto foi transportado a uma choupana fora da cidade que lhe devia servir de sepulchro.

(Continúa.)

#### SONETO.

Ao meo intimo amigo e collega o Sr. Frederico Meister.

Eil-o outra vez regressa ao gremio caro  
Que o aguardava com tanta impaciencia !  
Eil-o outra vez na arena da sciencia  
Pugnando com valor bastante raro !

(2) Vinho de palmeira.

(3) Algodão.

(4) Superstição dos negros.

Já no porvir um sabio mais encaro :  
Feliz quem deo-lh'o ser d'alma existencia,  
Que mui breve verá com complacencia,  
Como herôe da sciencia, o filho caro.

Avante ! ó Frederico, em teu futuro  
Matizado de louros immurchaveis !  
Não temas de vencer trabalho duro !

D'esses labores teos infatigaveis,  
Prosegue nesta senda bem seguro,  
E colherás mil rosas agradaveis...

Antonio Pinto da Costa Carneiro.

## Parte noticiosa.

Lê-se na *Estrella do Sul* :

### Manifestações na Inglaterra.

Na Diocese de Salford houve uma grande manifestação catholica no *Stree trade hall Manchester*, no dia 28 do mez passado, na qual se adoptaram varias resoluções favoraveis ao poder temporal do Papa. Em Kilkenny (Irlanda) assignou-se uma mensagem catholica ao Santo Padre, onde figuram os nomes do maire actual do grande scheriff, do ex-grande scheriff, maire eleito, os aldermen e magistrados da cidade e 14 conselheiros municipaes. Outras cidades seguiam, ou iam seguir o mesmo exemplo.

O *Frcman* dá conta de uma grande reunião do clero e dos seculares catholicos romanos da Diocese de Elphin que teve lugar segunda-feira 30 de Dezembro, em Roscommon, com o fim de exprimir suas sympathias para com o Papa, e a resolução em que estavam de sustental-o e defendel-o contra todos os seus inimigos. Se diz que este meeting foi um dos mais influentes e entusiastas que jamais tem havido ao oeste da Irlanda, e q' foi caracterisado por um ardor e uma determinação dignas dos sentimentos catholicos e do espirito elevado do vasto districto que elle representava. As resoluções exprimiram o affecto e dedicação dos fieis a Sua Sanctidade, ellas condemnaram energicamente os ataques despreziveis, revolucionarios e impios contra o seu territorio, e proclamaram o cordial agradecimento da Diocese ao exercito pontifical, ao Imperador, ao povo e exercito da França, pela maneira heroica com que defenderam o Papa.

## Maximas.

O homem temperado, corre suavemente na branda corrente da vida—*Feltham*.

A Historia é o thesouro da vida humana. Imaginae em que horrorosas trevas e em que lamaçal de ignorancia bestial estaríamos mettidos, se as recommendações de tudo o que se fez e aconteceu antes de nós nascermos, estivessem inteiramente abolidas e extinctas.—*Amgot*.

Typ. de J. A. do Livramento,